

ENTREVISTA

“Focalizar o que é comum aos seres humanos”¹

Entrevista com Christoph Antweiler²
sobre universais culturais

“Só faz sentido estudar diversidade cultural com relação a universais culturais”, julga Christoph Antweiler. *O que é comum aos seres humanos? Sobre cultura e culturas (Was ist den Menschen gemeinsam? Über Kultur und Kulturen*, em alemão) é o título do novo livro do antropólogo da Universidade de Trier, tocando questões de suma importância (veja o sumário em: www.antropologi.info/blog/ethnologie/docs/antweiler-inhalt.pdf). Está planejada uma tradução do livro para o inglês.

¹ Esta entrevista foi publicada originalmente em alemão no blog *antropologi.info* em 25/05/07 (www.antropologi.info/blog/ethnologie/ethnologie.php?p=2620). O entrevistador e criador do blog, Lorenz Khazaleh, é antropólogo e atualmente trabalha como jornalista em Oslo, Noruega (www.antropologi.info/contact.php; e-mail: mail@antropologi.info). A entrevista foi realizada por e-mail.

² Professor Titular em Etnologia da Universidade de Trier (Treveris), Alemanha (www.uni-trier.de).



Foto: acervo Ch. Antweiler

Lorenz Khazaleh: Por que este livro? Você acha que os antropólogos já falaram demais sobre as diferenças entre seres humanos?

Christoph Antweiler: Isso. Os antropólogos continuam muito fixados em diferenças. Universais culturais é um tema antigo da Antropologia. Os primeiros antropólogos já se interessaram por universais, mas esta perspectiva sempre ficou pouco visível. Com raras exceções, os representantes da área seguiram, e ainda seguem, o apelo de Clifford Geertz de ser “sacerdotes da diversidade”. Quanto a mim, também me dedico normalmente, em ensino e pesquisa na universidade, a características culturais específicas.

Mas só faz sentido estudar diversidade cultural com relação a universais culturais. Antropólogas e antropólogos endossam, com sua concentração exclusiva em peculiaridades, diferenças e fronteiras culturais, de maneira um pouco acrítica, as visões das pessoas na grande maioria das culturas que eles estudam. Mas a celebração oposta – da dissolução de todas as fronteiras culturais – também é um exagero.

Você poderia citar alguns universais?

Sim, um universal cultural acabei de mencionar implicitamente. Em todos os lugares do mundo há inclusão e exclusão, geralmente a divisão clara entre o próprio grupo e o grupo diferente. Em quase todos os lugares do mundo esta forma de etnicidade é conjugada com a valorização do próprio grupo e a desvalorização de outros grupos, então com etnocentrismo.

O universal mais conhecido pelo público em geral é a proibição do incesto; em palavras mais simples, o sexo ou o casamento entre parentes próximos. No entanto, há diferenças consideráveis entre quem é considerado “parente próximo”. Em termos ainda mais gerais: todas as culturas têm normas explícitas que regularizam a vida sexual. Não há ou quase não há culturas onde meninos e meninas são socializados de modo igual, embora seja possível imaginar isso sem problema. Um outro exemplo de universais culturais, porém mais sutis, são detalhes da divisão do tempo ao recitar textos.

Você escreveu que conhecimentos sobre universais culturais teriam “relevância prática para soluções realistas de convivência humana”. Você poderia explicar isso de forma mais clara?

Essa relevância tem sua causa principal no fato de que nós seres humanos estamos vivendo num mundo cada vez mais interligado e de que a especificidade cultural é uma das idéias globalizadas mais bem sucedidas. Todo mundo é especial e todos querem ser diferentes. Isso vale tanto para indivíduos quanto para grupos ou etnias. Estamos vivendo num mundo de políticas identitárias totais.

Apesar de tantos discursos sobre hibridez, o que predomina é a concentração em peculiaridades e diferenças culturais. Uma tendência contrária é a procura por valores que podem fazer com que as diversas culturas entrem num diálogo uma com a outra. Neste caso, porém,

encontramos principalmente *wishful thinking*³, mas poucos saberes concretos.

Isto pode ser percebido, por exemplo, em alguns projetos por um *ethos* global ou em declarações da UNESCO dos últimos anos. Por um lado, é postulada uma ética universal; por outro lado, é valorizada a diversidade cultural. As contradições que surgem são apagadas ou dissimuladas. Um exemplo seria o documento *Our Creative Diversity* (1995; www.unesco.org/culture/policies/ocd), da UNESCO. Essa deveria ser uma iniciativa positiva, mas é politicamente ingênua e nem tem nenhum embasamento em empirismo antropológico. Então, temos que ser mais concretos.

Nessa situação, os antropólogos com seus saberes concretos produzidos por comparações culturais poderiam ser úteis. Infelizmente, a comparação transcultural sistemática, apesar de fazer parte da tradição da disciplina, leva uma vida relativamente apagada na Antropologia, e não só na Antropologia de língua alemã.

O que você acha particularmente importante na história de pesquisas sobre universais culturais? Qual o papel da Antropologia nesse contexto?

Chama a atenção a oscilação entre concepções polarizadas: ou se defende um relativismo extremo ou um universalismo absoluto. Assumir posições moderadas sempre foi difícil, inclusive em épocas antes do surgimento da grande mídia.

A Antropologia foi – e ainda é – importante para ter um acesso empiricamente embasado aos universais culturais. Nesse contexto, foram decisivos, antes de tudo, os trabalhos de comparação transcultural de George Peter Murdock a partir de 1945. Com relação às ferramentas

³ O que se desejaria que fosse realidade.

analíticas para a pesquisa formal de universais (as formas básicas, os tipos), contudo, os trabalhos realizados nas áreas da lingüística comparativa e da filosofia cultural (por exemplo, os de Elmar Holenstein 2004; ver também: www.zeit.de/2004/42/SM-Atlas) são de suma importância.

Um problema para pesquisar aspectos comuns da humanidade foi que universais culturais freqüentemente foram igualados com a ‘natureza do homem’ dos biólogos ou com as ‘constantes antropológicas’ dos filósofos. Isso, combinado com a ‘biofobia’ comum da grande maioria dos cientistas culturais e sociais, fez com que o tema não fosse abordado ou que universais culturais fossem vistos como uma banalidade.

Referindo-me a Donald Brown (2004), o representante mais destacado dentre um punhado de pesquisadores de universais na Antropologia, identifico universais precisamente por não incluir qualquer explicação na definição. Universais são características que podem ser evidenciadas empiricamente e que são encontradas de forma regular em todas ou quase todas as culturas. Suas causas são diversas. Em pouquíssimas palavras, universais são em parte resultados da biologia humana, em parte resultado de difusões generalizadas e em parte o efeito concreto de uma vida [humana] num mundo material que é semelhante, em alguns aspectos, em todos os lugares.

Qual é sua posição no debate sobre os conceitos de ‘cultura’ e ‘culturas’? O mundo está subdividido em diversas ‘culturas (étnicas)’ ou será que esta visão é ultrapassada, fazendo seres humanos mais estranhos do que eles são na realidade por torná-los exóticos e estigmatizá-los (nos debates sobre a imigração de estrangeiros, por exemplo)?

Isso é difícil responder. De fato, o mundo está subdividido em culturas étnicas, mas ainda assim há intercâmbios e transições. O que estou

observando nas teorias culturais comuns – e o que me irrita seriamente – é que sempre se joga fora a criança com a água do banho.

Tudo bem, posições extremas fazem parte do negócio no mercado científico midiaticizado. É evidente que o modelo de culturas fechadas como uma bola ou um contêiner é errado. No entanto, celebrar a dissolução das fronteiras [culturais] é ignorar completamente que as pessoas, apesar de todas as influências globais, geralmente crescem em determinadas unidades delimitadas cultural e espacialmente.

Diferente do que escrevem os heróis dos atuais modismos teóricos, ainda não chegamos ao ponto de que a típica cidadã terrestre é gerada num avião por uma mãe crioula⁴ e um pai migrante e nasce num aeroporto para então passar sua vida em megacidades como nômade urbana transnacional.

Certamente, etnicidade muitas vezes é situacional e é usada estrategicamente. Mas isso não exclui a possibilidade de que ela também tenha características basicamente primordiais. Em termos gerais, a Antropologia deveria voltar a frisar que as culturas não são integradas de uma forma ultra holística, mas que tampouco são amontoados descontextualizados. Culturas são formas sistêmicas de produção de existências humanas.

Subdivisões em grandes áreas culturais alcançaram uma popularidade imprevista desde os ataques às Torres Gêmeas em 2001. Também considero o modelo do choque de civilizações, de Samuel Huntington (1997), como bastante simplório, ideológico em suas tendências gerais e, além disso, fixado demais em religião. No entanto, apesar de todas as críticas legítimas, neste caso também se jogou fora a criança com a água do banho.

⁴ No sentido de Hannerz (1997).

Suponho que qualquer antropólogo que não se desloca exclusivamente para sua própria área de pesquisa de campo, mas que já viajou para outras partes do mundo, vai confirmar que há algumas mentalidades e rotinas comportamentais regionalmente caracterizadas. Vou exemplificar isso com minha especialização regional. Apesar de toda a diversidade extrema entre as culturas do Sul Asiático, há determinadas diferenças fundamentais entre as culturas da Ásia do Sul e da Ásia do Sudeste. Confesso que é difícil enumerá-las de um modo concreto, mas é possível.

Por isso também penso que as subdivisões de Hofstede (1991) e Trompenaars (1994), extremamente populares entre os economistas, deveriam ser criticadas e reelaboradas, em vez de apenas zombar delas. O que me incomoda de um ponto de vista universalista é o caráter unilateral das críticas. Quanto a Huntington, quase sempre se critica – por parte de antropólogos, por exemplo – a grade grosseira das subdivisões, chama-se a atenção para as diferenciações de fato bem maiores entre as culturas. A outra questão do modelo do choque de civilizações, no entanto, é completamente ignorada. Os aspectos comuns de culturas não são mencionados, como no caso das diferenciações minúsculas dos etnólogos.

Deve ter levado muito tempo para escrever este livro. Não é comum que livros que tratam de questões tão abrangentes sejam escritos por antropólogos.

Precisei de mais de dez anos para terminar o livro. Trabalhei no livro paralelamente ao cotidiano universitário, estudos locais sobre a Indonésia e outros trabalhos.

A situação geral nas universidades neste país [Alemanha] quase não permite elaborar obras de caráter geral. Além disso, a situação da

Antropologia na Alemanha é complicada⁵. Estudos de caráter abrangente são evitados tanto quanto obras introdutórias. Os dois tipos, contudo, são importantes e nesses casos os antropólogos mais novos, mais ativos nas pesquisas, poderiam exercer influências de forma criativa.

Tenho a sorte de ser Professor Titular; se não fosse assim, uma obra dessas seria arriscada demais. A 'cultura' resenhista na Alemanha é bastante insignificante e, além disso, tem caráter errático. Muitas opiniões sobre colegas e livros são formadas por redes de contatos telefônicos, e não por resenhas publicadas. Neste sentido, *websites* como o seu, Sr. Khazaleh, são extremamente importantes para uma disciplina como a Antropologia.

No caso de obras básicas, como introduções (a meu ver, um dos gêneros mais exigentes na literatura especializada), sempre há o perigo de logo ser detonado pelos colegas. Assim, diversas resenhas do novo *DTV-Atlas Ethnologie* (2005), de Dieter Haller, mostraram que os resenhistas criticaram o autor, antes de tudo, por causa de algumas figuras no texto sem debater os próprios textos que as acompanharam⁶.

Você pretende popularizar o tema, comunicá-lo a um público mais amplo? Suponho que o público-alvo do livro sejam principalmente estudantes e pesquisadores.

⁵ Explicação do tradutor: Christoph Antweiler refere-se, neste caso, aos cortes orçamentários por parte dos ministérios competentes nos últimos vinte anos, os quais afetaram principalmente as ciências humanas e sociais, especialmente as pequenas disciplinas como a Antropologia, reduzindo as ofertas de vagas para docentes nas universidades e afetando, desse modo, as perspectivas profissionais para novas gerações de pesquisadores e, ao mesmo tempo, aumentando o número de orientações por docente.

⁶ Para uma resenha em inglês, ver *Current Anthropology*, 47(4), 2006:697-8.

O livro foi escrito para pesquisadores, mas propositadamente não apenas para antropólogos. Por isso não o ofereci à Editora Dietrich Reimer⁷, mas à WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft Darmstadt), onde a tiragem inicial é mais alta e o grupo de leitores, mais amplo.

Para estudantes o livro é caro demais, mas também tratei do tema dos universais culturais, ao menos em parte, num livro de bolso de preço acessível sobre diversidade cultural (*Posições de uma antropologia intercultural* [*Positionen interkultureller Ethnologie*, em alemão], 2007, 10 €).

Eu gostaria de comunicar o tema a um público mais amplo, por isso esta entrevista. Meu sonho seria ver o livro popularizado por pessoas que, diferente de mim, realmente sabem escrever bem. Penso em duas antropólogas que estimo muito: Ina Zukrigl e Joana Breidenbach (www.joanabreidenbach.de). Elas sabem sintetizar, escrever de forma cativante e, ainda assim, ser objetivas, como foi mostrado no livro *Tanz der Kulturen* (*Dança das Culturas*, 2000), infelizmente esgotado, que trata da globalização cultural.

As últimas palavras aos leitores?

Universais culturais são interessantes quando eles não são vistos como absolutos nem como o contrário de diferenças, mas como padrões no ‘mar da diversidade cultural’.

Não leiam apenas meu livro, mas também autores que, a partir de reflexões totalmente diferentes, chegam à conclusão de que cultura não é apenas relativa nem pode ser reduzida a diferenças. Penso principalmente nos artigos científicos e jornalísticos de Thomas Hauschild que, apesar de experiências e posições teóricas muito diferentes, focaliza aspectos parecidos. Além disso, recomendo o novo livro do economista Amartya Sen, *Identity and Violence: The Illusion of Destiny* (2007).

⁷ Uma editora berlinense especializada em literatura antropológica (P.S.).

Bibliografia

- BREIDENBACH, Joana & ZUKRIGL, Ina. 2000. *Tanz der Kulturen: Kulturelle Identität in einer globalisierten Welt*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.
- BROWN, Donald. 2004. "Human Universals, Human Nature & Human Culture". *Dædalus*, 133(4):47-54.
- HALLER, Dieter. 2005. *dtv-Atlas Ethnologie*. (dtv, 3259) München: Deutscher Taschenbuch Verlag.
- HANNERZ, Ulf. 1997. "Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional". *Mana*, 3(1):7-39.
- HOFSTEDE, Geert. 1991. *Cultures and Organizations: Software of the Mind*. New York, Maidenhead: McGraw-Hill.
- HOLENSTEIN, Elmar. 2004. *Philosophie-Atlas: Orte und Wege des Denkens*. Zürich: Ammann.
- HUNTINGTON, Samuel P. 1997 [1996]. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- SEN, Amartya. 2007. *Identity and Violence: The Illusion of Destiny (Issues of Our Time)*. New York: W.W. Norton.
- TROMPENAARS, Fons. 1994 [1993]. *Nas ondas da cultura: como entender a diversidade cultural nos negócios*. São Paulo: Educator.

ANTWEILER, Christoph. 2007.
Was ist den Menschen gemeinsam? Über Kultur und Kulturen.
Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft (WBG).
391 p., ilustrações, anexos, bibliografia com cerca de 1350 títulos.
ISBN 978-3-534-20096-2; preço: € 59,90.

Tradução: Peter Schröder
Revisão: Mônica Gusmão